

**A EXPERIÊNCIA DA AUTOLESÃO NÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES  
FREQUENTADORES DE UM CAPS, À LUZ DA SOCIOLOGIA DE  
MICHEL MAFFESOLI**

**SILVA, ROBERTA S.<sup>1</sup>; SILVA, DANIELLE B. B. <sup>1</sup>; NITSCHKE, ROSANE G.<sup>2</sup>;  
THOLL, ADRIANA D. <sup>2</sup>; FUNAI, ANDERSON <sup>2</sup>; LOPES, THAISA N. <sup>4</sup>; LEO,  
MARCELA MARTINS FURLAN DE <sup>2</sup>**

A Autolesão Não Suicida (ALNS) consiste em provocar lesões no próprio corpo, sem intenção consciente de suicídio, problema de saúde pública global que vulnerabiliza a adolescência, intensificado pela pandemia por COVID-19. O estudo objetivou compreender a experiência da Autolesão Não Suicida no cotidiano de adolescentes que frequentam um CAPSi, à luz da Sociologia de Michel Maffesoli. Trata-se de um estudo qualitativo, interpretativo, fundamentado por pressupostos da Sociologia Compreensiva e Cotidiano, de Michel Maffesoli, que sustentaram tecnologias sociais de investigação, aprovado por CEP da UFFS. Os participantes são 8 adolescentes acompanhados por Centro de Atenção Psicossocial infanto-juvenil, Brasil, que cometem ALNS de repetição. Os dados foram coletados individualmente em 2024, a partir de um questionário sócio demográfico e entrevista não diretiva áudio gravada sobre a experiência pessoal da autolesão no cotidiano. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo de Bardin e discutidos sob a perspectiva dos pressupostos de Maffesoli. Os participantes tem entre 13 e 17 anos de idade, estão em tratamento psiquiátrico, frequentam escola, 6 se identificaram Feminino, 1 Masculino, 1 homem transgênero, os dois últimos acolhidos provisoriamente em instituição social. Cinco se identificaram brancos, 2 pardos, 1 preto. Narraram contexto sócio ambiental de violências, destacando-se experiências de bullying/estigmatização e omissão do Estado. Familiares e outras referências afetivas para os participantes vivenciam, historicamente, ALNS. Diante de sua inaptidão para simbolizar o vivido e o imaginário, as marcas intencionalmente registradas na pele são carregadas de códigos de linguagem, pelos quais o adolescente pode comunicar sentimentos e pensamentos impronunciáveis, interditados ou ignorados nas relações, buscar ajuda, receber cuidado e minimizar violências intrafamiliares, uma vez que diante deste ato e seus desdobramentos, os familiares modificam sua rotina e se implicam na vida dos

participantes, que são, então, visibilizados e cuidados. Uma linguagem tribal que tem coesão no contexto socioambiental, determinando contornos necessários diante de laços sociais esgarçados. A autolesão se desvelou prática cultural de tribos urbanas pós modernas, desenvolvida na conectividade familiar e comunitária, que assegura aos participantes pertencimento e identidade coletiva para enfrentar a impessoalidade e alienação de uma sociedade excessivamente racional, insuportável para o adolescente contemporâneo. A ALNS nutre um sentido de comunidade entre tribos de adolescentes, na busca de formas de vida autênticas e significativas. Considera-se que o cotidiano de violências, vulnerabilidade das famílias, fragilidade da instituição educacional e de desproteção do Estado constituíram pano de fundo para o sofrimento psíquico e para o ato de se ferir neste público. Conclui-se que este conhecimento foi gerado a partir dos saberes dos próprios autores da ALNS, perspectivado a partir das contribuições conceituais de Maffesoli, que revelaram a autolesão não suicida enquanto problema social, fenômeno social polissêmico, sustentado pela sociedade pós moderna transpandêmica enquanto prática cultural. Pretende-se subsidiar a produção social do cuidado e da investigação em enfermagem e em saúde a partir da Razão Sensível e da sócio afetividade, fundamental para se fazer as leituras sociais compreensivas necessárias para promover saúde de adolescentes, suas famílias e sua comunidade, em todos os níveis de atenção, no contexto paradigmático da complexidade.

**Palavras-chave:** Saúde do adolescente. Saúde Mental. Enfermagem. Autolesão Não Suicida. Atividades cotidianas.

**Área do Conhecimento:** Ciências da Saúde

**Origem:** Pesquisa (concluída)

**Aspectos Éticos:** Pesquisa aprovada por CEP da UFFS: protocolo 6.701.171/CAAE 77287924.2.0000.5564.

---

<sup>1</sup> Roberta Sousa da Silva. Enfermagem. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
[roberta.dasilva@estudante.uffs.edu.br](mailto:roberta.dasilva@estudante.uffs.edu.br)

<sup>1</sup> Danielle Boing Bernardes Silva. Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina.  
[danielle.boing@ufsc.br](mailto:danielle.boing@ufsc.br)

<sup>2</sup> Rosane Gonçalves Nitschke. Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina.  
[rosane.nitschke@ufsc.br](mailto:rosane.nitschke@ufsc.br)

<sup>2</sup> Adriana Dutra Tholl. Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina.  
[adrianadtholl@gmail.com](mailto:adrianadtholl@gmail.com)

2 Anderson Funai. Enfermagem. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
[anderson.funai@uffs.edu.br](mailto:anderson.funai@uffs.edu.br)

4 Thaisa Natali Lopes. Enfermeira. Hospital Regional do Oeste. [thaisanlopes@gmail.com](mailto:thaisanlopes@gmail.com)

2 Marcela Martins Furlan de Léo. Enfermagem. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
[marcela.leo@uffs.edu.br](mailto:marcela.leo@uffs.edu.br)